

A REPRESENTAÇÃO DE RAMON LLULL NO CINEMA DE ANIMAÇÃO (1990-2020): (DES)COMPASSOS ENTRE O DESENHO E A HISTORIOGRAFIA?

Guilherme Queiroz de Souza¹

Resumo: o artigo examina a representação do filósofo maiorquino Ramon Llull (c. 1232-1316) no cinema de animação, comparando duas produções: o *Despertaferro* (1990) e uma série digital que carrega o nome do pensador (2020). Partimos da hipótese de que os avanços da historiografia luliana nas últimas décadas e a proposta do *Any Llull* (2015-2016) influenciaram a representação do filósofo nessa mídia contemporânea. Entre outras coisas, podemos observar uma espécie de “desmitologização” de sua figura, com a imagem do mago alquimista perdendo espaço para uma visão mais “humana” do personagem. Além das questões estéticas, levaremos em conta o contexto de produção desses materiais na Espanha, sobretudo na Catalunha e nas Ilhas Baleares.

Palavras-chave: Ramon Llull; cinema de animação; desmitologização.

THE REPRESENTATION OF RAMON LLULL IN THE ANIMATED FILMS (1990-2020): (MIS)ALIGNMENTS BETWEEN ANIMATION AND HISTORIOGRAPHY?

Abstract: the article examines the representation of the Majorcan philosopher Ramon Llull (ca. 1232-1316) in the animated films, comparing two different productions: the *Despertaferro* (1990) and *Ramon Llull*, a digital animated series (2020). We start from the hypothesis that recent decades’ advances in Lullian historiography and the proposal of *Any Llull* (2015-2016) have influenced the representation of the philosopher in this contemporary media. We can observe, among other things, a kind of “demythologization” of his image, the image of the alchemist mage losing ground to a more “human” vision of the character. Besides examining the aesthetics of the productions, we will evaluate the context in which these materials were produced in Spain, especially in Catalonia and in the Balearic Islands.

Keywords: Ramon Llull; animated films; demythologization.

Introdução

Nos últimos anos, a trajetória do filósofo maiorquino Ramon Llull (c. 1232-1316) tem sido cada vez mais explorada pelas produções midiáticas. Potencial para gerar tal interesse não falta, pois se trata de um autor polígrafo, prolífico e poliglota, um viajante incansável que sobreviveu a duas tentativas de assassinato e a um naufrágio! Tudo isso ocorrido depois de uma juventude marcada por condutas lascivas, que ele se dizia arrependido. Tão curiosa quanto essa biografia são as lendas forjadas sobre ele ao longo dos séculos, que o transformaram num

¹ Universidade Federal da Paraíba. Email: guilhermehistoria@yahoo.com.br

magico, alquimista, cabalista, inventor e descobridor (científico) da América.² Sem dúvida, estamos diante de um personagem fascinante em vários aspectos.

Entretanto, não podemos dizer que Ramon Llull seja alguém conhecido pelo grande público; muito pelo contrário. De acordo com o lulista Fernando Domínguez Reboiras,³ a vida e a obra de Llull são pouco conhecidas, mesmo na Catalunha.⁴ O objetivo deste artigo é analisar, comparativamente,⁵ duas produções midiáticas que representaram o filósofo e, cada uma à sua maneira, contribuíram para popularizar versões de sua imagem. De forma específica, examinamos o cinema de animação, focalizando o *Despertaferro* (1990) e uma série digital que carrega o nome do pensador (2020). Partimos da hipótese de que os avanços da historiografia luliana nas últimas décadas e a proposta do *Any Llull* (2015-2016), que marcou as comemorações do sétimo centenário da morte do maiorquino, influenciaram a representação dele nessa mídia contemporânea.

A história medieval catalã no cinema (de animação)

Embora tenha sido um diretor catalão, Fructuós Gelabert (1874-1955), quem inaugurou a cinematografia espanhola (1897), a história da Catalunha não mereceu maiores atenções daqueles sem identificação com o sentimento nacionalista da própria Generalitat. Entre as diversas temporalidades representadas nas películas, o Medievo catalão apareceu a partir da década de 1960, cabendo ao barcelonês Miquel Iglesias i Bonns a direção da primeira delas: *Las hijas del Cid* (1963). Mais tarde, Joaquín Coll Espona produziu *Las correrías del*

² OLIVER I DOMENGE, P. Ramon Llull descubreix l'America. *El Felanigense*. Año XL, n. 2503, 5 jul. 1924.

³ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, F. **Ramon Llull**. El mejor libro del mundo. Barcelona: Arpa Editores, 2016. p. 36.

⁴ Algo semelhante ocorre nas Ilhas Baleares: “Ramon Llull no era actualment una de les figures més valorades o reivindicades en l'àmbit local. [...] aquesta situació contrastava amb el que esdevenia en l'àmbit acadèmic”. RIPOLL PERELLÓ, M. I. Memòria valoració any Llull. In: **Memòria de l'Any Llull**: Generalitat de Catalunya. Departament de Cultura, 2019. p. 34.

⁵ “[...] comparar em História significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente a respeito de suas similaridades e diferenças de modo a se alcançar determinados objetivos intelectuais”. KOCKA, J. Comparison and beyond. *History and Theory*, v. 42, n. 1, 2003. p. 39 [“Comparação e Além”, Tradução de Maria Elisa da Cunha Bustamante. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Comparada - UFRJ].

vizconde Arnau (1974), seguido por Carles Mira i Franco e os seus filmes *La portentosa vida del pare Vicent* (1978) e *Daniya, el jardí de l'harem* (1987).⁶

Paralelamente, ocorreu o desabrochar do desenho animado espanhol, cujo primeiro longa-metragem – *Garbancito de la Mancha* (1945) – obteve enorme popularidade e reconhecimento. Algumas iniciativas foram cruciais para o desenvolvimento desse tipo de mídia, como a fundação da Sociedad Española de Dibujos Animados (1932) e da Hispano Grafic Films (1938), “que foi a primeira tentativa séria de industrializar o desenho animado na Espanha”.⁷ A cidade de Barcelona, que sediava a segunda entidade, teve um importante papel na produção e divulgação desse material, no qual atuaram prestigiados diretores, como Claudi Biern Boyd, considerado o “Walt Disney espanhol”.

No fim da década de 1980, Biern Boyd criou a série *Història de Catalunya*, produzida pela Televisió de Catalunya (TV3), aliás, o primeiro programa de animação do canal. Ela é narrada pelo Dragui, um simpático dragão que explica o passado catalão desde a Pré-história. No 13º episódio (*El pont de mar blava*), de 15 de janeiro de 1989, temos aquela que talvez seja a primeira imagem de Ramon Llull no cinema de animação. Nas palavras do narrador, ele era um maiorquino que iniciou um importante movimento intelectual. Extremamente curioso e ativo, redigiu mais de 250 livros em latim, catalão e árabe. Era místico e poeta trovador, com interesse por Teologia, Física, Medicina, Astronomia e Retórica.

Para analisar as duas animações citadas, levamos em conta o contexto de produção desses materiais na Espanha, sobretudo na Catalunha e nas Ilhas Baleares.⁸ Em outras palavras, isso implica “avaliar a significação do filme no seu contexto socioeconômico e político, localizado, muito frequentemente no quadro

⁶ ROMAGUERA I RAMIÓ, J. Films sobre la història de Catalunya. **Perspectiva escolar**, n. 246, 2000. p. 65; CAPARRÓS LERA, J. M. Cataluña y su historia, en la pantalla. **Cuadernos de Historia Contemporánea**, n. 23, 2001. p. 109; LÓPEZ CASAS, M. M. El món medieval català al cinema. In: MARTOS SÁNCHEZ, J. L.; GARCIA SEMPERE, M. (coord.). **L'edat mitjana en el cinema i en la novel·la històrica**. Alicante: Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana, 2009. p. 369.

⁷ CANDEL CRESPO, J. M. **Historia del dibujo animado español**. Murcia: Editora Regional de Murcia, 1993. p. 24.

⁸ “[...] um filme sempre ‘fala’ do presente (ou ‘diz’ algo do presente, do aqui e do agora de seu contexto de produção). O fato de ser um filme histórico ou de ficção científica nada muda no caso”. VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise filmica**. São Paulo: Papirus, 1994. p. 55.

nacional”.⁹ Metodologicamente, essas imagens de Llull podem ser abordadas por distintas perspectivas. Uma delas é pela teoria do Medievalismo, que estuda as diferentes maneiras pelas quais o Medievalismo foi apreendido e construído por períodos posteriores (na literatura, cinema, arquitetura, jogos etc.).¹⁰ De toda forma, o cinema de animação, como qualquer outro produto cultural, fabrica representações que nunca são neutras. Elas são sempre determinadas pelos “interesses de grupo que as forjam”, que buscam impor “a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”.¹¹

A própria *Història de Catalunya* serve como exemplo da questão. Ela foi produzida poucos anos antes das Olimpíadas de Barcelona (1992), quando vários segmentos sociais inflamavam o nacionalismo catalão.¹² Muitos anos depois, precisamente em outubro de 2017, ao ser exibida numa escola na Comunidade Valenciana, houve indignação por parte de alguns pais dos alunos. Segundo eles, o material promovia uma evidente “doutrinação” e distorcia o passado medieval – por exemplo, Jaime I de Aragão era apresentado como “rei da Catalunha”.¹³ Não por acaso, tal acusação aconteceu durante as manifestações pela independência catalã, que se acirraram com a aprovação do referendo justamente naquele mês.

O Ramon Llull do *Despertaferro* (1990)

O *Despertaferro*¹⁴ é um filme de animação produzido ao longo de mais de três anos e lançado em 1990.¹⁵ Elaborado pela Equip Produccions (Barcelona) e

⁹ LAGNY, M. O cinema como fonte de história. In: NÓVOA, J.; FRESSATO, S; FEIGELSON, K. (org.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 124.

¹⁰ BERNIS, U; JOHNSTON, A. J. Medievalism: a Very Short Introduction. **European Journal of English Studies**, v. 15, 2011. p. 97. O Medievalismo chegou a ser dividido em quatro categorias: 1) o criativo, 2) a reprodução, 3) o acadêmico e 4) o político-ideológico. Ver MÜLLER, U. Medievalism/Mittelalter-Rezeption. In: CLASSEN, A. (org.). **Handbook of Medieval Studies**. Berlim: DeGruyter, 2010. p. 853.

¹¹ CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

¹² Em 1989, por exemplo, o então jornalista Alfred Bosch declarou: “los juegos Olímpicos del 92 son una oportunidad histórica, una ocasión irrepentible, para difundir la identidad nacional catalana en todo el planeta”. BOSCH, A. Los nacionalismos olímpicos. **Catalònia**, n. 12, 1989. p. 42-43.

¹³ *NacióDigital* (22/11/2017). Disponível em: <<https://www.naciodigital.cat/noticia/143207/video/antena/acusa/ara/adoctrinament/serie/dibuijos/sobre/historia/catalunya>>. Acesso em: 20/03/2021.

¹⁴ O termo “*Despertaferro*” se refere ao grito de guerra dos almogávares.

¹⁵ Disponível no YouTube: <<https://youtu.be/4b7L3eE5DUc>>. Acesso em: 20/03/2021.

pela Maran Films (Munique), com um orçamento de 300 milhões de pesetas, teve como diretor Jordi Amorós i Ballester e, na produção executiva, Isona Passola. Tem 75 minutos de duração e utilizou tecnologias inovadoras do *frosted* para gerar um aspecto de tridimensionalidade. Foi vendido em grandes centros, como Japão, Alemanha e Estados Unidos,¹⁶ e conquistou o Prêmio Sant Jordi de Cinematografia (1991), sendo, aliás, o primeiro longa-metragem de desenhos originalmente em catalão.¹⁷ Esse sucesso é significativo, considerando a exigência daquela época, com o início do chamado “Renascimento Disney” (1989).¹⁸ A história do *Despertaferro* gira em torno de Lluria, um menino que viaja no tempo (até o século XIV) para impedir a “vingança catalã” dos almogávares (mercenários) no Mediterrâneo.¹⁹ Algo que se destaca é a estética inspirada no estilo artístico de Antoni Gaudí (1852-1926), expoente do Modernismo catalão.

Na trama, Ramon Llull está ao lado de Lluria no enfrentamento a Rocafort,²⁰ líder dos almogávares. Mesmo não sendo o personagem principal, ele atua decisivamente como um conselheiro. Sua primeira aparição se dá entre os minutos 8m50s e 9m50s, quando surge diante do menino, porém sem revelar sua identidade. Vemos ali um velho de longa barba branca, com uma túnica e chapéu pontudo azuis. Tem um corpo esguio, se comparado aos demais personagens, e uma luz brilhante ao redor dele. Seu olhar é sisudo e sério; sua voz é impositiva, autoritária e enérgica. A cena também demonstra a equivalência e fusão dos personagens senhor Ramon (professor) e Ramon Llull, algo percebido por Lluria. Ambos condenam a destrutiva campanha dos almogávares, que tinham sido

¹⁶ ROCH, E. “Desperta ferro!” se presenta como la gran superproducción del dibujo animado catalán. **Diari de Girona** (06/12/1990), p. 39.

¹⁷ RODRÍGUEZ, M. “Desperta ferro!”, un filme de dibujos animados con escenografía gaudiniana. **La Vanguardia** (11/09/1987), p. 27.

¹⁸ FOSSATTI, C. **Cinema de animação: um diálogo ético no mundo encantado das histórias infantis**. Porto Alegre: Suline, 2011. p. 47-48.

¹⁹ Segundo o próprio Ramon Llull, os almogávares eram “guerreiros a pé, armados com lanças, flechas e escudos, e acostumados a fazer caminhadas curtas e longas, de dia e de noite. Há muitos deles na Catalunha, em Aragão e em Castela. Esses homens são muito necessários na conquista de terras”. RAMON LLULL. O Livro Derradeiro. In: RAIMUNDO Lúlio e as Cruzadas. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009. II. 4. p. 77.

²⁰ Personagem baseado na figura histórica de Bernat de Rocafort (1271-1309).

traídos pelos bizantinos.²¹ Vejamos, abaixo, a primeira representação de Ramon Llull no *Despertaferro*:

Figura 1



Figura 2



Ramon Llull – *Despertaferro* (1990)

Na segunda aparição, dessa vez mais longa (19m15s a 21m45s), Llull protege a princesa bizantina Blanca das investidas dos almogávares, que sitiavam um castelo em Constantinopla. O filósofo a conduz a uma torre e salienta que o ódio sempre é superado pelo amor. Nesse momento, Llull pratica uma forma de magia por meio da qual transforma Blanca numa estátua de pedra, camuflando-a; seu propósito era deter a “vingança catalã” e o derramamento de sangue. No fim, tem-se a única identificação dele como o “doutor iluminado”. Somente na terceira aparição, Ramon se apresenta pelo nome (24m04s a 25m16s): ele repreende as

²¹ Para Maria Mercè López Casas, os almogávares, “mite patriòtic dels romàntics catalans [...] d’alguna manera són desmitificats alhora, ja que se’ls demana la renúncia a la violència”. LÓPEZ CASAS, M. M. *Op. Cit.*, p. 372. De fato, eles são retratados como bárbaros e violentos (algo semelhante, inclusive, ao estereótipo dos vikings e dos piratas), em contraposição aos civilizados e refinados bizantinos. No entanto, a crítica não se dirige aos almogávares propriamente, mas à “vingança catalã”, pois existe uma exaltação – proferida por Ramon Llull – àquele que seria um “verdadeiro” almogávar.

atitudes de Rocafort e o acusa de se tornar uma “besta sem fé e lei”; depois, consegue evitar o seu golpe de espada e desaparece para enganá-lo. Rocafort, por sua vez, sente-se incapaz de atacá-lo e fica desorientado.

A quarta vez em que surge também é breve (29m04s a 30m16s): dentro de uma embarcação (espécie de navio fantasma), Ramon diz a Lluria para mudar o curso da história e libertar seu povo da maldição. Na quinta (38m42s a 38m49s), escutamos apenas a voz do filósofo, que, mais uma vez, aconselha ao menino: “quando você fizer os almogávares homens bons, poderá voltar para casa. O dever do herói está acima dos seus sentimentos”. A sexta e última aparição novamente é rápida (54m38s a 55m02s): a bordo do navio fantasma, Ramon argumenta que chegou a hora de Lluria enfrentar os perigos e cumprir sua missão. Apesar de serem pontuais e breves, as atuações lulianas têm uma intencionalidade. Restamos, agora, examinar suas peculiaridades, as formas e os motivos pelos quais elas foram expostas.

Sem dúvida, há uma “mitologização” da figura de Ramon Llull, que está caracterizado como um mago, sábio, conselheiro e profeta. Ele pratica magia, como vimos, não apenas ao transformar a princesa numa estátua, mas também ao (des)aparecer a seu bel-prazer. Sua longa barba branca é um símbolo de sabedoria; seu chapéu pontudo também o é, porque direcionado aos céus, à divindade. Sua roupa azul celeste igualmente remete ao firmamento, ao transcendental.²² É um sábio profeta, pois conhece o futuro e o revela a Lluria. Tudo isso o aproxima da figura do “mago alquimista”, mesmo que inexistia uma cena de transmutação de metais. Certos detalhes são suficientes para pensar nessa relação: o principal deles é visto quando Ramon converte a princesa numa estátua.

Essa figura é muito popular nas produções dos estúdios Walt Disney, com destaque para Merlin e o “aprendiz de feiticeiro”.²³ Em *The Sword in the Stone* (1963), o famoso mago medieval é apresentado como um poderoso sábio e profeta. É um homem velho que porta uma longa barba branca, com roupas e pontudo

²² Para a cultura ocidental, o azul é a “cor do infinito, do remoto, do sonhado”. PASTOUREAU, M. Azul. In: DICCIONARIO de los colores. Barcelona: Paidós, 2009. p. 40.

²³ LABBIE, E. F. The Sorcerer’s Apprentice: Animation and Alchemy in Disney’s Medievalism. In: PUGH, T.; ARONSTEIN, S. (ed.). **The Disney Middle Ages: a fairy-tale and fantasy past**. New York: Palgrave Macmillan, 2012. p. 97-115.

chapéu azuis.²⁴ Sua casa contém vários livros, modelos de invenções do futuro e um laboratório, ao que parece, o local onde ele praticava os experimentos alquímicos. Merlin também é inserido em episódios de desenhos como *Dungeons & Dragons* (1983-1985), com semelhantes caracterizações notadas em sua longa barba branca, chapéu cônico e cor azul nas vestimentas.

Outro famoso mago do cinema é Gandalf, personagem criado por John R. R. Tolkien (1892-1973). No filme de animação *The Lord of the Rings* (1978), ele é retratado como um velho com uma longa barba branca, chapéu pontudo e trajes cinzentos. Entre os seus poderes mágicos, estava a capacidade de neutralizar as armas dos inimigos. Recentemente, essas aproximações foram investigadas pelo jornalista e historiador Francesc M. Rotger, que publicou um comentário num jornal e proferiu conferências com associações não somente entre Ramon Llull e Merlin/Gandalf, mas também entre ele e Kenobi/Panoramix. As características compartilhadas seriam o fato de ele ser barbudo, mestre, sábio e mago – ou, ao menos, capaz de prodígios.²⁵ No caso dos supostos “poderes” de Llull, eles teriam se manifestado após a sua morte, porque existiriam vários testemunhos de milagres que lhe foram atribuídos, sobretudo pelas relíquias produzidas com partes de seu corpo – como a mandíbula.

²⁴ As primeiras fontes medievais que mencionam a figura de Merlin não dispõem de verdadeiras descrições físicas do personagem, que aparece como um simples mago ou sábio profeta. Ao longo do tempo, sua sabedoria conduziu a uma “representação de homem idoso, imagem consubstanciada pelas iluminuras dos manuscritos que retratam a personagem de barba e vestido de uma túnica com carapuço azul”. RINALDI, A. A sobrevivência de Merlin: da Idade Média à contemporaneidade. **Revista Literatura em Debate**, v. 10, n. 19, 2016. p. 7. Algumas das mais famosas imagens de Merlin com barba, capuz e vestes azuis são encontradas num manuscrito francês (Paris, BnF, fr. 95), coincidentemente da mesma época de Ramon Llull (c. 1290-1300). Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b6000108b>>. Acesso em: 20/06/2021.

²⁵ ROTGER, F. M. Què tenen a veure Gandalf i Ramon Llull, a més de la barba? **Diari ARA Balears** (21/02/2020).

Figura 3



Merlin (1963)

Figura 4



Merlin (1983-1985)

Figura 5



Gandalf (1978)

Alguns estudiosos veem nessas aproximações o “arquétipo do mago”, que formaria o substrato psicológico do masculino amadurecido e atuaria ao longo da História.²⁶ Em outros termos, tal abordagem fenomenológica junguiana defende a existência de modelos universais e atemporais. Contudo, ela já recebeu acertadas críticas, entre as quais a de negligenciar as particularidades dos diversos contextos históricos e culturais. Sem adotar essa perspectiva, acreditamos que o Lull do *Despertaferro* recebeu a influência da “estética do mago”, que se vinculou a ele desde o período medieval. Tal estética, como demonstramos, também era compartilhada pelo cinema de animação nas décadas anteriores a esse filme, contribuindo para reforçá-la e popularizá-la.²⁷

Outras questões nos chamam a atenção, como as diferentes dimensões espaço-temporais nas quais Ramon Lull intervém. Ele aparece a Lluria já no Parc Güell, em Barcelona, antes de o menino viajar ao passado; contudo, é capaz de transitar pelas duas temporalidades, porque também atua no século XIV.

²⁶ MOORE, R.; GILLETTE, D. **Rei, Guerreiro, Mago, Amante**: a redescoberta dos arquétipos do masculino. Rio de Janeiro: Campus, 1993. p. 95-115.

²⁷ “[...] os filmes inscrevem-se em correntes, em tendências e até em ‘escolas’ estéticas [...]”. Um filme jamais é isolado. Participa de um movimento ou se vincula mais ou menos a uma tradição”. VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. *Op. Cit.*, p. 23-24.

Igualmente interessante é a trilha sonora inserida em suas aparições²⁸ – a saber, uma música instrumental num tom misterioso, de suspense, cuja intensidade e volume aumentam conforme o personagem aparece. Ainda é importante notar que Ramon não sofre nenhum tipo de crítica; seu exemplar comportamento ético-moral o leva, inclusive, a proferir admoestações à conduta destrutiva dos almogávares.

O último ponto a ser examinado no *Despertaferro* são as referências a um suposto *Livro das Maravilhas*. Pelo título, estaríamos diante da famosa novela enciclopédica luliana (c. 1287-1289), na qual é narrada as andanças de Félix, um personagem que percorre o mundo para conhecer e compreender suas “maravilhas”.²⁹ Todavia, o interessante é que, no *Despertaferro*, ele não tem relação direta com Ramon Llull. Existe somente uma menção de que se trata de um “livro mágico”, em cujas páginas Rocafort diz ter visto a ilustração do seu mausoléu – nesse caso, uma alusão à própria catedral da Sagrada Família de Barcelona. Em nenhum momento, sua autoria é atribuída ao filósofo, razão pela qual seria precipitado elucubrar alguma correlação.

O Ramon Llull da animação digital (2020)

A série de animação “Ramon Llull” foi desenvolvida em 2016 pela LADAT, unidade de *Animació i Tecnologies Audiovisuals* da Universitat de les Illes Balears (UIB). Juan Montes de Oca, criador da empresa, ficou encarregado pela direção, com a consultoria de Maria Isabel Ripoll Perelló, professora da UIB e especialista em Llull. Foi orçada em 210 mil euros e utilizou uma tecnologia que misturou 3D com aparência final de 2D.³⁰ Ela é composta por sete capítulos, cada um com 10 minutos de duração, que focalizam as principais etapas da vida do pensador.³¹

²⁸ As trilhas sonoras do *Despertaferro* foram produzidas por Carles Cases e Lluís Llach.

²⁹ Existe uma tradução para o português: **Félix ou O Livro das Maravilhas**. São Paulo: Editora Escala, 2009. 2 v.

³⁰ El Ramon Llull més tecnològic i proper als joves. **Diari ARA Balears**, Reportagem de Enric Culat (10/06/2017). Disponível em: <https://www.arabalears.cat/premium/suplements/emprenemRamon-Llull-tecnologic-proper-joves_0_1812418841.html>. Acesso em: 20/03/2021.

³¹ São eles: 1) Els primers anys; 2) Preparació i inici literari; 3) Comença la gira mundial; 4) Entrebancs i dubtes; 5) La consolidació del projecte; 6) Arriba l'èxit mundial; 7) Última etapa. A historiografia, por sua vez, chegou a dividir a vida de Llull em fases: I. Etapa vital e mudança de vida (1232-1264); II. Etapa de formação (1265-1273); III. Etapa de introspecção (1274-1286); IV. Etapa

Ainda que os dois primeiros tenham sido exibidos em Palma de Maiorca já em novembro de 2017, o material completo só foi divulgado ao grande público no início de 2020, tanto no canal IB3 quanto no YouTube.³² Atualmente, também pode ser assistido no *site* da EPRTVIB – *Ens Públic de Radiotelevisió de les Illes Balears*.³³

Nessa animação digital, um curioso menino chamado Lluís conhece Ramon Llull, que lhe explica, pacientemente, os episódios mais relevantes de sua vida. Essa relação fictícia ocorre em Maiorca (1313) e se assemelha àquela entre um avô e o seu neto. Há um profundo laço de amizade e de respeito, tanto que, já no primeiro episódio, Lluís se refere a Ramon como “mestre” e “sábio senhor”. Esse “Llull narrador” tem uma longa barba branca, calça humildes sandálias e veste um hábito franciscano marrom preso por um cordão.³⁴ Trata-se de uma figura simpática, carismática e bem-humorada; sua voz é doce, calma e serena. Carinhoso, expressa sentimentos afetuosos para com Lluís. Seu temperamento, mesmo nas cenas retrospectivas, só é alterado quando ele repreende ao escravo muçulmano que o apunhalou (2º episódio) e àqueles que planejavam envenená-lo (5º episódio).

É possível perceber que a animação segue de perto a *Vita Coetanea* (1311), texto autobiográfico que Ramon ditou a um monge cartuxo de Paris. Dessa vez, é Lluís quem escuta a narrativa. Um dos elementos que chamam a atenção é sua vestimenta (como vimos, um hábito monástico), muito similar àquela retratada no manuscrito conhecido como *Breviculum* (c. 1321-1330). Espécie de relato ilustrado da *Vita*, esse documento francês contém 12 adornadas miniaturas que registram algumas das principais fases da trajetória luliana. Determinadas cenas são claramente inspiradas nele, como quando Llull coloca a veste monástica (1º

de expansão (1287-1288/1312); V. Etapa mística (1313-1316). Ver VILLALBA I VARNEDA, P. **Ramon Llull**. Escriptor i Filòsof de la Diferència. Palma de Mallorca, 1232-1316. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2015. p. 566-574.

³² <<https://youtu.be/lb37pJNcsoQ>>. Acesso em: 20/03/2021.

³³ <<https://ib3.org/ramon-llull?pl=1&cont=863cad60-917b-4666-91aa-17cd9a8f5aeb>>. Acesso em: 20/03/2021.

³⁴ Embora existam afinidades intelectuais e espirituais, não há nenhuma prova de que Ramon tenha entrado na Ordem Franciscana; aliás, nem em qualquer outra. Todavia, isso não impediu que sua figura fosse apropriada pelos franciscanos, que produziram diversas iconografias do filósofo, sobretudo em Maiorca. Não por acaso, o sepulcro de Llull encontra-se no convento de San Francisco, em Palma. Para uma síntese da iconografia luliana, ver CANTARELLAS CAMPS, C. Iconografía luliana: prototipos y desarrollo histórico. **Bolletí de la Societat Arqueològica Lulliana**: Revista d'estudis històrics, n. 61, p. 213-228, 2005.

episódio), estuda árabe com o escravo muçulmano e recebe a “iluminação” divina no Monte Randa (2º episódio).³⁵

Nos sete capítulos, observamos um Ramon de carne e osso, alguém sem os atributos mágicos que encontramos no *Despertaferro*. A proposta dessa animação digital, segundo Juan Montes de Oca, era oferecer a imagem de um Llull do ponto de vista “mais humano possível”,³⁶ com uma linguagem simples e fácil de entender pelo público infanto-juvenil, a quem estava destinada. Essa preocupação é central, pois narrar uma vida repleta de eventos marcantes e explicar uma obra tão complexa exigem formas acessíveis e didáticas. A própria Arte luliana – uma “ciência universal” de difícil compreensão até para os escolásticos de Paris! – passou por essa adaptação (2º episódio). Vejamos, abaixo, duas imagens do Ramon Llull nessa animação digital:

Figura 6



“Ramon Llull” (2020)

Figura 7



“Ramon Llull” (2020)

³⁵ *Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum*. Karlsruhe, Badische Landesbibliothek, Cod. St. Peter perg. 92, fol. 2r e 3v. Disponível em: <<https://digital.blb-karlsruhe.de/blbhs/content/thumbview/105546>>. Acesso em: 20/03/2021.

³⁶ El Ramon Llull més tecnològic i proper als joves. *Diari ARA Balears*, Reportagem de Enric Culat (10/06/2017). Disponível em: <https://www.arabalears.cat/premium/suplements/emprenemRamon-Llull-tecnologic-proper-joves_0_1812418841.html>. Acesso em: 20/03/2021.

As representações de Ramon também diferem na gestualidade: no *Despertaferro*, ele é mais vigoroso e ágil, como quando enfrenta Rocafort; no modelo digital, é mais lento e calmo, o que seria típico a um octogenário. No entanto, não existem apenas diferenças. Em ambas, há uma relação de amizade e cumplicidade entre Ramon e um menino; a partir dela, ocorrem importantes diálogos e interações. Não obstante a animação de 2020 retrate o filósofo em diversas faixas etárias (desde a juventude), é a imagem do “Llull narrador” que se destaca numa observação em conjunto. Estamos diante de um homem velho, com uma longa barba branca, num dos últimos momentos de sua vida, quando tinha 82 anos. Assim, as duas produções priorizaram o aspecto senil (porém saudável, vale dizer) do personagem, algo muito popular na iconografia medieval e moderna.

Além disso, mesmo com temperamentos distintos, também no *Despertaferro* Ramon Llull buscava a paz. Ele critica a violência de Rocafort; diz que o amor sempre vence; pretende acabar com a vingança dos almogávares. O debate em torno do “pacifismo luliano” já fez correr muita tinta entre os especialistas, e não é nossa intenção resumi-lo, tampouco chegar a uma conclusão sobre essa complexa e polêmica questão.³⁷ O importante aqui é enfatizar que foi esse o perfil escolhido pelas animações examinadas. Numa linguagem aristotélica, notamos duas figuras com “aparências” distintas (doce *versus* sisudo), mas com “essências” (pacífica) idênticas.

Algumas vezes, as animações buscaram inspiração em tradicionais epítetos associados ao filósofo. Destacamos três deles. Em primeiro lugar, “mestre” (*magister*), que consta num escrito luliano (1289), quando de sua primeira viagem a Paris. Tal título era obrigatório para quem quisesse se pronunciar no ambiente universitário. Em segundo, “barba florida” (*barba floridus*), uma referência à sua longa barba branca, conforme citada num texto redigido em sua última estada parisiense (1309-1311).³⁸ Essa aparência é visualizada tanto na primeira imagem

³⁷ Para uma visão sobre o tema, ver ENSENYAT PUJOL, G. Pacifismo y cruzada en Ramon Llull. *Quaderns de la Mediterrània*, n. 9, p. 354-360, 2008.

³⁸ VILLALBA I VARNEDA, P. *Op. Cit.*, p. 202; 374. Outras obras, como a *Vita Coetanea*, contêm informações curiosas sobre isso. Ela comenta a passagem de Llull por Bugia (1307), onde ele foi atacado pelos muçulmanos, que “*esbofeteavam-no ou arrastavam-no violentamente pela barba, que trazia muito comprida*”. RAMON LLULL. *Vida Coetânea*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004. IX, § 38, p. 95. Aliás, a barba de Ramon não era algo meramente estético: para ele, “*quem tem grande tristeza*

conhecida do filósofo (1298)³⁹ quanto na maioria das miniaturas do *Breviculum*. Por fim, “doutor iluminado” (*doctor illuminatus*), alcunha fixada ainda em vida e, sobretudo, depois da sua morte.⁴⁰ Podemos verificá-la em muitas fontes textuais e iconográficas dos séculos XVII e XVIII, indicando a suposta “iluminação” divina que Llull teria recebido no Monte Randa (1274), em Maiorca.

Figura 8



Ramon Llull. *Breviculum* (c. 1321-1330).
Karlsruhe, Badische Landesbibliothek, Cod. St. Peter perg. 92, fol. 11v.

A desmitologização da figura de Ramon Llull

Depois de examinarmos essas duas representações de Ramon Llull, ficam algumas perguntas: por que há esse contraste? Por que temos uma espécie de “desmitologização” de sua figura?⁴¹ A primeira parte de nossa hipótese é que os estudos lulianos cresceram e amadureceram exponencialmente nas últimas

usa barba”, expressão do luto que deve ser observado em certos casos, como “até que a Terra Santa e as outras terras que os cristãos possuíram no passado sejam recuperadas”. RAMON LLULL. O Livro Derradeiro. In: RAIMUNDO Lúlio e as Cruzadas. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009. II. 2. p. 71.

³⁹ CANTARELLAS CAMPS, C. *Op. Cit.*, p. 215-216.

⁴⁰ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, F. *Op. Cit.*, p. 131.

⁴¹ Não entendemos “desmitologização” como um procedimento de exegese que busca identificar e separar as camadas míticas construídas ao longo do tempo para encontrar o “real” e “verdadeiro” Ramon Llull. Nesse caso, trata-se tão somente de realizar uma aproximação ao personagem histórico, com base nos avanços da crítica historiográfica.

décadas⁴² e, hoje, nenhum acadêmico sério o identifica como um mago alquimista. Na época de produção do *Despertaferro*, no entanto, ainda havia uma divergência de opiniões. Na verdade, o mito mágico-alquímico luliano remonta ao início do século XIV, num processo que também o transformou em alguém “conhecedor das ciências cabalista e hermética cultivadas pela tradição oculta”.⁴³ O mito se popularizou no Renascimento, com boa parte da fama de Lull derivando do considerável número de textos alquímicos que lhe foram atribuídos; para se ter uma ideia, 34 já haviam sido escritos antes do século XVI.⁴⁴ Nas duas centúrias seguintes, as obras alquímicas pseudolulianas eram frequentemente mais editadas do que as autênticas.⁴⁵

Ainda que essa vinculação nunca tenha sido muito popular na Espanha, sendo já criticada pelo cónego maiorquino Juan Seguí no século XVI,⁴⁶ podemos encontrá-la na Europa Setentrional. Um exemplo desse contraste está no fato de que outro maiorquino, o jesuíta Jaime Custurer, discordava da versão alquímica de Lull, ao contrário do teólogo alemão Ivo Salzinger. A erudição oitocentista espanhola, representada por escritores como Fernando Weyler y Laviña⁴⁷ e José Ramón de Luanco,⁴⁸ conservou essa criticidade. Respeitados autores de manuais sobre a história da Filosofia medieval também fizeram a denúncia: entre os

⁴² “La publicación de estudios sobre Ramon Lull (1232-1315) tuvo un notable aumento a partir de la última década del siglo XX. [...] En la actualidad esa tendencia se ha consolidado. Los datos, disponibles en la Base de Datos-Lull, muestran un importante crecimiento de la producción bibliográfica de 1975 a 1995”. HIGUERA RUBIO, J. Ensayo Bibliográfico sobre los Estudios Lulianos (2008-2018). *Revista Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, v. 38, 2021. p. 65.

⁴³ YATES, F. O Lulismo como Arte da Memória. In: A ARTE da Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 238.

⁴⁴ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, F. La recepción del pensamiento luliano en la península ibérica hasta el siglo XIX. Un intento de síntesis. *Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca*, n. 15, 2010. p. 380.

⁴⁵ “[...] en la biblioteca del gran Isaac Newton, con ocho volúmenes lulianos, los dos tomos más usados y con más comentarios en los márgenes eran de alquimia”. BADIA, L; BONNER, A. **Ramón Lull**: vida, pensamiento y obra literaria. Barcelona: Quaderns Crema, 1993. p. 222.

⁴⁶ SEGUÍ, J. **Vida, y hechos del admirable doctor, y martyr Ramon Lull vezino de Mallorca**. Mallorca: Imprenta de Gabriel Guasp, 1606. p. 19.

⁴⁷ “Lulio no practicó la Alquimia, ni la continuó en sus escritos, ni dió crédito á la posibilidad de efectuar lo que esta ciencia pretendía”. WEYLER Y LAVIÑA, F. **Raimundo Lulio juzgado por si mismo**. Palma: Imprenta de Pedro José Gelabert, 1866. p. 369.

⁴⁸ “[...] los conocimientos químicos de Lull [...] fueron escasos y mas bien teóricos que prácticos”. LUANCO, J. R. de. **Ramon Lull (Raimundo Lulio) considerado como alquimista**. Barcelona: Establecimiento tipográfico de Jaime Jepús Roviralta, 1870. p. 12.

franceses, Étienne Gilson;⁴⁹ entre os espanhóis, os irmãos Joaquín e Tomàs Carreras i Artau.⁵⁰

Esses apontamentos, todavia, não foram suficientes para enfraquecer o mito, que encontrou campos férteis para se enraizar. Conseguimos localizá-lo na obra de Jean Ryeul, cujo Prefácio, escrito por Géza Back de Surany, defende a ideia de um “Raymond Lulle alchimiste”.⁵¹ Essa permanência foi denunciada por um importante lulista, Armand Llinarès, que declarou: “a lenda ainda está viva”.⁵² Se, por um lado, concordamos com ele; por outro, discordamos quando diz que, “na Espanha, ninguém acredita mais nas simpatias e atividades alquímicas do filósofo de Maiorca”. Talvez Llinarès tenha pensado no mundo acadêmico. Na realidade, mesmo nos círculos intelectuais, essa versão mágico-alquímica só perdeu força a partir da década de 1980, quando a italiana Michela Pereira publicou uma série de pesquisas que foram divulgadas em várias línguas, como italiano, inglês, espanhol, francês, alemão e português.⁵³

Portanto, o mito de Ramon Llull como um mago alquimista estava arraigado no contexto de produção do *Despertaferro* – final da década de 1980. Mais do que isso: é possível que rondasse as mentes dos idealizadores e do público consumidor da animação. Não temos a condição de afirmar, é claro, que os produtores do *Despertaferro* acreditavam, realmente, nessa faceta mágico-alquímica. Contudo, o fato é que essa imagem foi a escolhida para ser representada, talvez porque fizesse mais sentido aos espectadores daquele período e poderia, assim, ter uma recepção mais favorável. Aliás, o próprio *Despertaferro* contribuiu para reforçar o mito mágico-alquímico luliano, considerando que todo “filme preenche uma função na

⁴⁹ “[...] a lenda de um Raimundo Lúlio alquimista e meio mago não recebe nenhuma confirmação do exame da sua vida, nem do estudo de suas obras”. GILSON, É. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1922]. p. 573.

⁵⁰ “En tesis general, Ramón Lull sostiene la imposibilidad de la alquimia”. CARRERAS I ARTAU, J.; CARRERAS I ARTAU, T. **Historia de la Filosofía española**: Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV. Madrid: Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, tomo II, 1943. p. 50.

⁵¹ SURANY, G. B. de. Raymond Lulle Alchimiste (1232-1315). In: RYEUL, J. **La Légende de Raymond Lulle, le Docteur Illuminé**. Paris: Omnium littéraire, 1965. p. 9-13.

⁵² LLINARÈS, A. Propos de Lulle sur l’alchimie. **Bulletin Hispanique**, v. 68, 1966. p. 86.

⁵³ A primeira sistematização crítica dessa lenda apareceu em PEREIRA, M. La leggenda di Lullo alchimista. **Estudios Lulianos**, v. 27, p. 145-163, 1987. Um estudo de Rosa Planas, que se debruça exclusivamente sobre o tema, segue essa interpretação: “Llull, en els seus escrits, no defensà mai l’alquímia. Els seus textos són més aviat de reprovació o desconfiança” PLANAS, R. **Ramon Llull i l’alquímia**. Palma: Lleonard Muntaner, 2014. p. 41.

sociedade que o produz: testemunha o real, tenta agir nas representações e mentalidades”.⁵⁴

Se, por um lado, a série *Història de Catalunya* – daquela mesma época – não descreve Llull como um alquimista; por outro, isso é exatamente o que ocorre com Arnaldo de Villanova. Ele é o imediato antecessor de Ramon na explicação, alguém envolvido num fracassado experimento e que tinha “fama de alquimista”.⁵⁵ Nem por isso concluímos que apenas o médico catalão era visto como tal. Ora, a vitalidade do mito mágico-alquímico luliano pode ser observada no pensamento de vários artistas, produtores e intelectuais daquele período: Salvador Dalí (1904-1989), por exemplo, talvez seja o nome mais famoso de alguém que acreditava nessa imagem de Llull, com quem se identificava e em quem dizia se inspirar.⁵⁶ Também José María Candel Crespo, diretor de animação, acreditava nessa lenda, porque, ao legendar um desenho de Llull no *Despertaferro*, refere-se a ele como um “famoso alquimista e sábio catalão”.⁵⁷ Essa ideia também consta na literatura, como na obra *Raimon o el seny fantàstic* (1985),⁵⁸ de Lluís Racionero i Grau, e nos livros de Josep Palau i Fabre (décadas de 1970-1990).⁵⁹ É igualmente significativo verificar que Siro Arribas Jimeno, catedrático de Química Analítica da Universidad de Oviedo, tenha uma publicação na qual Llull é apontado como um alquimista medieval.⁶⁰ Outro indício importante está no *Rerum Demoni*, um suplemento do *Aquelarre*, jogo de RPG popular entre os jovens espanhóis no início da década de

⁵⁴ VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. *Op. Cit.*, p. 58.

⁵⁵ Durante muito tempo, Arnaldo de Villanova também foi visto como um alquimista, mito soterrado apenas no fim do século XX. Sobre o tema, ver FALBEL, N. **Arnaldo de Vilanova (c. 1240-1311)**: doutrina reformista e concepção escatológica. São Paulo: Humanitas, 2018. p. 55-72.

⁵⁶ “El filósofo catalán Raimundo Lulio, alquimista, metafísico, que escribió los *Doce Principios de la Filosofía*, místico y mártir – él fue apedreado a los ochenta años, en Bougie, por los árabes – me inspira. Como él, yo creo en la transmutación de los cuerpos”. DALÍ, S. **Confesiones inconfesables**. Barcelona: Bruguera, 1975. p. 214.

⁵⁷ CANDEL CRESPO, J. M. *Op. Cit.*, p. 133.

⁵⁸ Esse livro sustenta que Llull se tornou “*alquimista per amor a una dama*”. Embora enfatize que sua obra é uma “*novel·la, i l'alquímia és presa com a metàfora d'una recerca interior*”, o autor não hesita em questionar algumas interpretações que já rechaçavam a ideia de um Llull alquimista. Ver, respectivamente, RACIONERO I GRAU, L. **Raimon o el seny fantàstic**. Barcelona: Laia, 1985. p. 251; 281. A obra foi reeditada algumas vezes e ganhou uma tradução para o espanhol ainda em 1985: *Raimon, la Alquímia de la Locura*.

⁵⁹ ROSSELLÓ BOVER, P. **Ramon Llull en la literatura contemporània**. Palma de Mallorca: Lleonard Muntaner, 2016. p. 60-64.

⁶⁰ ARRIBAS JIMENO, S. **La fascinante historia de la alquímia descrita por un científico moderno**. Oviedo: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Oviedo, 1991. p. 108.

1990. Nele, há uma afirmação de que Llull “sempre mostrou um interesse especial pela alquimia”.⁶¹

Especulamos ainda que boa parte do jovem público espanhol daquele período, principal consumidor desse material, não via em Ramon Llull um dos personagens mais populares da Idade Média. Isso pode ser notado a partir de uma enquete realizada com os estudantes da Faculdade de Geografia e História da Universitat de València, entre 1986 e 1989. Considerando as respostas dos 76 discentes recém-ingressos no ensino superior sobre os personagens mais “representativos” do Medievo, vemos que Llull não se destaca: num universo de 70 nomes referidos, ele é citado por apenas um discente, enquanto muitos outros aparecem várias vezes. O mesmo ocorre no âmbito hispânico, já que os personagens são majoritariamente castelhanos.⁶² Ou seja, entre tal amostragem de recém-egressos do ensino escolar, o filósofo não era alguém que vinha, em geral, à mente, o que poderia refletir certo desconhecimento sobre sua biografia.

A segunda parte de nossa hipótese é que a animação de 2020 acompanhou a proposta do *Any Llull*,⁶³ cujas produções foram elaboradas à luz das renovadas perspectivas dos estudos lulianos. Durante aquele marco, mais de quinhentas atividades ocorreram ao redor do mundo, com o objetivo de atingir diversos públicos – não apenas o acadêmico. Entre elas, podemos citar congressos, exposições, festivais, concertos, projetos educativos e publicações. Com efeito, uma série de obras veio à tona, como edições críticas, traduções e adaptações infanto-juvenis de textos lulianos.⁶⁴ As atividades na Catalunha e nas Ilhas Baleares foram coordenadas, respectivamente, pelos comissários Joan Santanach Suñol (Universitat de Barcelona) e Maria Isabel Ripoll Perelló, lulistas com atuação em prestigiados centros de pesquisa e universidades.

⁶¹ RERUM DEMONI. Produção de Ricard Ibañez. Barcelona: Joc Internacional, 1992. p. 36.

⁶² FURIÓ, A. ¿Quina Edat Mitjana? La percepció de l'escenari medieval entre els estudiants d'Història. Resultats d'una enquesta. **Revista d'història medieval**, n. 1, 1990. p. 258-260.

⁶³ Site oficial: <<https://llull.cat/monografics/anyllull/>>. Acesso em: 20/03/2021.

⁶⁴ SANTANACH I SUÑOL, J. Un any per a Ramon Llull. **Llengua & Literatura**, n. 28, p. 223-226, 2018; RIPOLL PERELLÓ, M. I. *Op. Cit.*, p. 34-36.

Durante o *Any Llull*, obras historiográficas de fôlego foram publicadas, sintetizando a trajetória do filósofo maiorquino.⁶⁵ De forma mais sistemática, importantes pesquisadores se debruçaram sobre os mitos construídos ao longo dos séculos e que se tornaram extremamente populares. Esse foi o caso de Domínguez Reboiras que, em seu livro, se preocupou em incluir uma seção intitulada “*De la Historia a la Leyenda*”, principalmente com o propósito de esclarecer o processo de elaboração da faceta alquímica luliana.⁶⁶ Outro exemplo está na atuação de Ripoll Perelló, que propôs uma conferência com um oportuno título (“*Ramon Llull, del mite a la realitat*”),⁶⁷ num evento inserido nas comemorações do *Any Llull* e organizado pela Universidad de Granada (maio de 2016).⁶⁸

De fato, o *Any Llull* seguiu as recentes interpretações sobre o filósofo, sem levar em consideração aqueles mitos, os quais, em nossa opinião, dispunham de potencial para atrair o grande público. A questão, entretanto, é que o contexto já era distinto, e os produtores da animação digital tinham outros objetivos e entendimentos sobre quem era Ramon Llull. Certamente, eles levavam em conta a opinião da comunidade acadêmica luliana, da qual um de seus consultores fazia parte. O desenho focalizou o lado “humano” do filósofo, cuja personalidade poderia gerar uma empatia com o espectador. Seus criadores buscaram escapar do secular mito mágico-alquímico, promovendo uma verdadeira “desmitologização”. Em entrevista, Ripoll Perelló até destacou a sua preocupação em “manter o equilíbrio, de transmitir tudo o que é necessário para entender quem foi Ramon Llull sem

⁶⁵ Destacamos os estudos de Pere Villalba i Varneda (2015) e Fernando Domínguez Reboiras (2016).

⁶⁶ “El Raymundo histórico fue entrando en la mentalidad popular de tal manera que, muy pronto, la historia documentada y los motivos legendarios se fusionan y crean un entramado que la crítica histórica en los últimos decenios tuvo que ir seleccionando y aclarando”. DOMÍNGUEZ REBOIRAS, F. *Op. Cit.*, p. 66.

⁶⁷ Numa entrevista à *Catalunya Ràdio* (10/04/2016), Ripoll Perelló diz esperar que Ramon também fosse “desmistificado” no *Any Llull*. Disponível em: <<https://www.ccma.cat/catradio/alcarta/folls-per-llull-ramon-llull-en-els-seus-llibres/bonus-llull-lentrevista-amb-maribel-ripoll/coleccio/4151/915735>>. Acesso em: 23/09/2021.

⁶⁸ <<https://canal.ugr.es/evento/conferencia-ramon-llull-del-mite-a-la-realitat/>>. Notícia de 06/05/2016.

perder um pingo de verossimilhança, de historicidade, de documentação rigorosa”.⁶⁹

Das poucas alusões à recepção da animação digital pelo público, já que o material integral só foi disponibilizado em 2020, encontramos um relato publicado por Ripoll Perelló na prestigiosa revista *Studia Lulliana*. Nele, a autora refere-se àquela exibição dos dois primeiros capítulos num teatro em Palma de Maiorca (2017), quando o público em geral e as principais autoridades governamentais, acadêmicas e eclesiásticas da ilha demonstraram “entusiasmo com um projeto cativante e visualmente muito atraente”.⁷⁰ O resultado desse evento, que mobilizou distintos setores da sociedade maiorquina, indica um impacto positivo entre aqueles que tiveram o privilégio de assistir ao lançamento da animação – nesse caso, apenas às cenas que retratam as primeiras etapas da vida de Ramon Llull.

O espírito do *Any Llull* ainda influenciou outros materiais, entre os quais a revista *Cavall Fort* (2016), que dedica um dossiê ao filósofo, porém sem apresentar nenhuma daquelas lendas.⁷¹ Esse também é o caso da animação conhecida como *Píndoles de Ramon Llull* (2016), da produtora Brutal Media, de Barcelona. A direção ficou a cargo de Lluís Danés, e os conteúdos orientados por Xavier Bru de Sala, escritor catalão, e por Joan Santanach Suñol. Com 20 episódios de 1 minuto, daí o nome “píndoles” (pílulas), a animação foi exibida na Televisió de Catalunya e, hoje, está integralmente disponível no site da *Corporació Catalana de Mitjans Audiovisuals*.⁷² Em nenhum dos episódios encontramos caracterizações míticas, como a versão mágico-alquímica de que tratamos. Esse perfil de Ramon Llull se limita ao *Despertaferro*. Nossa hipótese central, portanto, não se sustenta apenas na animação de 2020; outros materiais (para além da historiografia) permitem observar essa evolução.

⁶⁹ <<https://ladat.es/premiere-ramon-llull/>>. Notícia de 04/12/2017.

⁷⁰ RIPOLL PERELLÓ, M. Crònica. 1. Activitats commemoratives lul·lianes a Mallorca. **Studia Lulliana**, v. 58, n. 113, 2018. p. 263.

⁷¹ RAMON LLULL, UN HOME FANTÀSTIC. **Dossiê da revista Cavall Fort** (n. 1289-1290). Texto: Mercè Canela e Eugènia Morer. Ilustrações: Lluïset, Laura de Castellet, Pep Brocal i Quim Bou. Barcelona: Edicions Cavall Fort, 2016.

⁷² <<https://www.ccma.cat/tv3/alacarta/pindolesderamonllull/proverbis/coleccio/7230/5635545/>>. Acesso em: 20/03/2021.

Figura 9



Píndoles de Ramon Llull (2016)

Considerações finais

Em nossa pesquisa, não buscamos rotular as representações de Ramon Llull como “falsas” ou “verdadeiras”, apontando os anacronismos e (im)precisões das animações. Metodologicamente, a avaliação da historicidade do audiovisual não é suficiente e nem deve ser a prioridade do pesquisador.⁷³ Seria tão relevante recordar que ele tinha 1,61m de altura,⁷⁴ ao contrário do seu esguio correspondente no *Despertaferro*? Ou, então, 1) explicar como a representação do mago alquimista está ligada à durabilidade desse mito ao longo de sete séculos? 2) demonstrar como sua estética está em sintonia com a imagem dos magos do cinema daquela época? 3) expor os motivos e as formas pelas quais a animação digital “humanizou” sua figura à luz dos avanços historiográficos e do *Any Llull*?

⁷³ “Em outras palavras, é menos importante saber se tal ou qual filme foi fiel aos diálogos, à caracterização física dos personagens ou a reproduções de costumes e vestimentas de um determinado século. O mais importante é entender o porquê das adaptações, omissões, falsificações que são apresentadas num filme”. NAPOLITANO, M. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, C. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 237.

⁷⁴ Conforme a última autópsia dos seus restos mortais realizada em 1985. Ver DOMÍNGUEZ REBOIRAS, F. *Op. Cit.*, p. 105.

Além das questões estéticas, nosso procedimento comparativo considerou o contexto de produção das duas animações. Nesse sentido, o intervalo cronológico entre elas mostrou-se fundamental, com o aparecimento de inovações tecnológicas nas mídias e o desenvolvimento dos estudos lulianos. Não podemos esquecer que, a princípio, suas preocupações eram distintas. A primeira, o *Despertaferro*, criou um Ramon Llull sem compromissos com a fidelidade histórica, uma vez que era uma obra fictícia de entretenimento; nas palavras de Jordi Amorós, um “conto surrealista de aventuras”.⁷⁵ A segunda, a animação digital, almejava atingir certa historicidade, tanto que solicitou a consultoria de uma especialista; todavia, ela também recorreu, conscientemente, à ficcionalidade ao apresentar, por exemplo, a relação entre Ramon e Lluís. De uma forma ou de outra, ambas lançaram mão de liberdade imaginativa; ao fim e ao cabo, são produtos de divertimento e assim devem ser consideradas.⁷⁶

Embora o *Despertaferro* tenha um perfil mais comercial e com elementos fantásticos (dragão voador, cogumelo personificado etc.), somente a figura de Ramon Llull – entre todos os personagens humanos da história – foi mitificada. Ao que tudo indica, havia uma predisposição para isso ocorrer com ele no fim da década de 1980, como demonstramos em nosso artigo. As duas animações eram opostas nesse sentido. Por um lado, o *Despertaferro* acompanhou um mito que circulou durante séculos e se manifestou em ilustrações e em textos biográficos, literários, historiográficos e lúdicos; por outro, a animação digital preferiu desmitologizá-lo e, para isso, ancorou-se na recente historiografia. Algo importante a salientar é que a cultura histórica de uma época – em nosso caso, sua dimensão estética⁷⁷ – não é o resultado somente das pesquisas dos historiadores e demais acadêmicos. É o que aconteceu com a caracterização de Llull. Apesar de sua última

⁷⁵ *Apud* RODRÍGUEZ, M. “Desperta ferrol”, un filme de dibujos animados con escenografía gaudiniana. **La Vanguardia** (11/09/1987), p. 27.

⁷⁶ “Está mais do que provado que esse formato de mídia é principalmente isto: um poderoso veículo de divertimento”. LUCENA JÚNIOR, A. **Arte da animação: técnica e estética através da história**. São Paulo: Editora Senac, 2005. p. 91.

⁷⁷ “Na dimensão estética da cultura histórica, as recordações históricas aparecem, antes de tudo, sob a forma de criações artísticas, como novelas e dramas históricos”. RÜSEN, J. O que é a Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, M. A.; MARTINS, E. de R. (org.). **Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da história**. Curitiba: W. A. Editores Ltda., 2016. p. 65.

representação ser mais “humana” e já influenciar o imaginário contemporâneo, isso não significa que a faceta mítica não possa retornar com força num futuro próximo.

Referências bibliográficas

Fontes Primárias

Animações

DESPERTAFERRO. Direção de Jordi Amorós i Ballester. Espanha: Equip Produccions (Barcelona) e Maran Films (Munique), 1990. 75 min.

RAMON LLULL. Direção de Juan Montes de Oca. Espanha: LADAT - Unitat d'animació i tecnologies audiovisuals de la Universitat de les Illes Balears (Palma de Maiorca), 2020. 7 capítulos (10 min.).

Fontes medievais

RAMON LLULL. **Félix ou O Livro das Maravilhas**. São Paulo: Editora Escala, 2009, 2 v.

RAMON LLULL. O Livro Derradeiro. In: RAIMUNDO Lúlio e as Cruzadas. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009. p. 35-99.

RAMON LLULL. **Vida Coetânea**. Coimbra: Ariadne Editora, 2004.

Fontes Secundárias

ARRIBAS JIMENO, S. **La fascinante historia de la alquimia descrita por un científico moderno**. Oviedo: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Oviedo, 1991.

BADIA, L.; BONNER, A. **Ramón Llull: vida, pensamiento y obra literaria**. Barcelona: Quaderns Crema, 1993.

BERNS, U; JOHNSTON, A. J. Medievalism: a Very Short Introduction. **European Journal of English Studies**, v. 15, 2011.

BOSCH, A. Los nacionalismos olímpicos. **Catalònia**, n. 12, 1989.

CANDEL CRESPO, J. M. **Historia del dibujo animado español**. Murcia: Editora Regional de Murcia, 1993.

CANTARELLAS CAMPS, C. Iconografía luliana: prototipos y desarrollo histórico. **Bolletí de la Societat Arqueològica Lul·liana**: Revista d'estudis històrics, n. 61, p. 213-228, 2005.

CAPARRÓS LERA, J. M. Catalunya y su historia, en la pantalla. **Cuadernos de Historia Contemporánea**, n. 23, p. 103-124, 2001.

CARRERAS I ARTAU, J.; CARRERAS I ARTAU, T. **Historia de la Filosofía española**: Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV. Madrid: Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, 1943. Tomo II.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CULAT, E. El Ramon Llull més tecnològic i proper als joves. **Diari ARA Balears** (10/06/2017). Disponível em: <https://www.arabalears.cat/premium/suplements/emprenemRamon-Llull-tecnologic-proper-joves_0_1812418841.html>. Acesso em: 20/03/2021.

DALÍ, S. **Confesiones inconfesables**. Barcelona: Bruguera, 1975.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, F. La recepción del pensamiento luliano en la península ibérica hasta el siglo XIX. Un intento de síntesis. **Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca**, n. 15, p. 361-385, 2010.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, F. **Ramon Llull**. El mejor libro del mundo. Barcelona: Arpa Editores, 2016.

ENSENYAT PUJOL, G. Pacifismo y cruzada en Ramon Llull. **Quaderns de la Mediterrània**, n. 9, p. 354-360, 2008.

FALBEL, N. **Arnaldo de Vilanova (c. 1240-1311)**: doutrina reformista e concepção escatológica. São Paulo: Humanitas, 2018.

FOSSATTI, C. **Cinema de animação**: um diálogo ético no mundo encantado das histórias infantis. Porto Alegre: Suline, 2011.

FURIÓ, A. ¿Quina Edat Mitjana? La percepció de l'escenari medieval entre els estudiants d'Història. Resultats d'una enquesta. **Revista d'història medieval**, n. 1, p. 251-275, 1990.

GILSON, É. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HIGUERA RUBIO, J. Ensayo Bibliográfico sobre los Estudios Lulianos (2008-2018). **Revista Anales del Seminario de Historia de la Filosofía**, v. 38, p. 65-75, 2021.

KOCKA, J. Comparison and beyond. **History and Theory**, v. 42, n. 1, p. 39-44, 2003 [“Comparação e Além”, Tradução de Maria Elisa da Cunha Bustamante. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Comparada - UFRJ].

LABBIE, E. F. The Sorcerer's Apprentice: Animation and Alchemy in Disney's Medievalism. In: PUGH, T.; ARONSTEIN, S. (ed.). **The Disney Middle Ages: a fairy-tale and fantasy past**. New York: Palgrave Macmillan, 2012. p. 97-115.

LAGNY, M. O cinema como fonte de história. In: NÓVOA, J.; FRESSATO, S; FEIGELSON, K. (org.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 99-131.

LLINARÈS, A. Propos de Lulle sur l'alchimie. **Bulletin Hispanique**, v. 68, p. 86-94, 1966.

LÓPEZ CASAS, M. M. El món medieval català al cinema. In: MARTOS SÁNCHEZ, J. L.; GARCIA SEMPERE, M. (coord.). **L'edat mitjana en el cinema i en la novel·la històrica**. Alicante: Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana, 2009. p. 365-376.

LUANCO, J. R. de. **Ramon Lull (Raimundo Lulio) considerado como alquimista**. Barcelona: Establecimiento tipográfico de Jaime Jepús Roviralta, 1870.

LUCENA JÚNIOR, A. **Arte da animação: técnica e estética através da história**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MOORE, R.; GILLETTE, D. **Rei, Guerreiro, Mago, Amante: a redescoberta dos arquétipos do masculino**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

MÜLLER, U. Medievalism/Mittelalter-Rezeption. In: CLASSEN, A. (org.). **Handbook of Medieval Studies**. Berlin: DeGruyter, 2010. p. 850-865.

NAPOLITANO, M. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, C. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 231-290.

OLIVER I DOMENGE, P. Ramon Lull descubreix l'America. **El Felanigense**. Año XL, n. 2503, 5 jul. 1924.

PASTOUREAU, M. Azul. In: **Diccionario de los colores**. Barcelona: Paidós, 2009. p. 32-42.

PEREIRA, M. La leggenda di Lullo alchimista. **Estudios Lulianos**, v. 27, p. 145-163, 1987.

PLANAS, R. **Ramon Lull i l'alquímia**. Palma: Lleonard Muntaner, 2014.

RACIONERO I GRAU, L. **Raimon o el seny fantastic**. Barcelona: Laia, 1985.

RAMON LLULL, UN HOME FANTÀSTIC. **Dossiê da revista Cavall Fort** (n. 1289-1290). Texto: Mercè Canela e Eugènia Morer. Ilustrações: Lluísot, Laura de Castellet, Pep Brocal i Quim Bou. Barcelona: Edicions Cavall Fort, 2016.

- RERUM DEMONI. Produção de Ricard Ibañez. Barcelona: Joc Internacional, 1992.
- RINALDI, A. A sobrevida de Merlin: da Idade Média à contemporaneidade. **Revista Literatura em Debate**, v. 10, n. 19, p. 04-17, 2016.
- RIPOLL PERELLÓ, M. Crònica. 1. Activitats commemoratives lul·lianes a Mallorca. **Studia Lulliana**, v. 58, n. 113, 2018.
- RIPOLL PERELLÓ, M. I. Memòria valoració any Llull. In: MEMÒRIA de l'Any Llull: Generalitat de Catalunya. Departament de Cultura, 2019. p. 34-36.
- ROCH, E. "Desperta ferro!" se presenta como la gran superproducción del dibujo animado catalán. **Diari de Girona** (06/12/1990), p. 39. Disponível em: <<http://pandora.girona.cat/viewer.vm?id=0001727177&page=39&lang=ca&view=hemeroteca>>. Acesso em: 20/03/2021.
- RODRÍGUEZ, M. "Desperta ferro!", un filme de dibujos animados con escenografía gaudiniana. **La Vanguardia** (11/09/1987), p. 27. Disponível em: <<http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1987/09/11/pagina-27/33005603/pdf.html>>. Acesso em: 20/03/2021.
- ROMAGUERA I RAMIÓ, J. Films sobre la història de Catalunya. **Perspectiva escolar**, n. 246, p. 62-72, 2000.
- ROSSELLÓ BOVER, P. **Ramon Llull en la literatura contemporània**. Palma de Mallorca: Lleonard Muntaner, 2016.
- ROTGER, F. M. Què tenen a veure Gandalf i Ramon Llull, a més de la barba? **Diari ARA Balears** (21/02/2020). Disponível em: <https://www.arabalears.cat/cultura/Que-tenen-a-veure-Gandalf-Ramon-Llull_0_2403959669.html>. Acesso em: 20/03/2021.
- RÜSEN, J. O que é a Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, M. A.; MARTINS, E. de R. (org.). **Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da história**. Curitiba: W. A. Editores Ltda., 2016. p. 54-81.
- SANTANACH I SUÑOL, J. Un any per a Ramon Llull. **Llengua & Literatura**, n. 28, 2018.
- SEGUÍ, J. **Vida, y hechos del admirable doctor, y martyr Ramon Lull vezino de Mallorca**. Mallorca: Imprenta de Gabriel Guasp, 1606.
- SURANY, G. B. de. Raymond Lulle Alchimiste (1232-1315). In: RYEUL, J. **La Légende de Raymond Lulle, le Docteur Illuminé**. Paris: Omnium littéraire, 1965. p. 9-13.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. São Paulo: Papyrus, 1994.

VILLALBA I VARNEDA, P. **Ramon Llull**. Escriptor i Filòsof de la Diferència. Palma de Mallorca, 1232-1316. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2015.

WEYLER Y LAVIÑA, F. **Raimundo Lulio juzgado por si mismo**. Palma: Imprenta de Pedro José Gelabert, 1866.

YATES, F. O Llulismo como Arte da Memória. In: A ARTE da Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 219-249.

Recebido: 11/08/2021
Aprovado: 27/11/2021